

SAM SHEPARD

PRÊMIO PULITZER



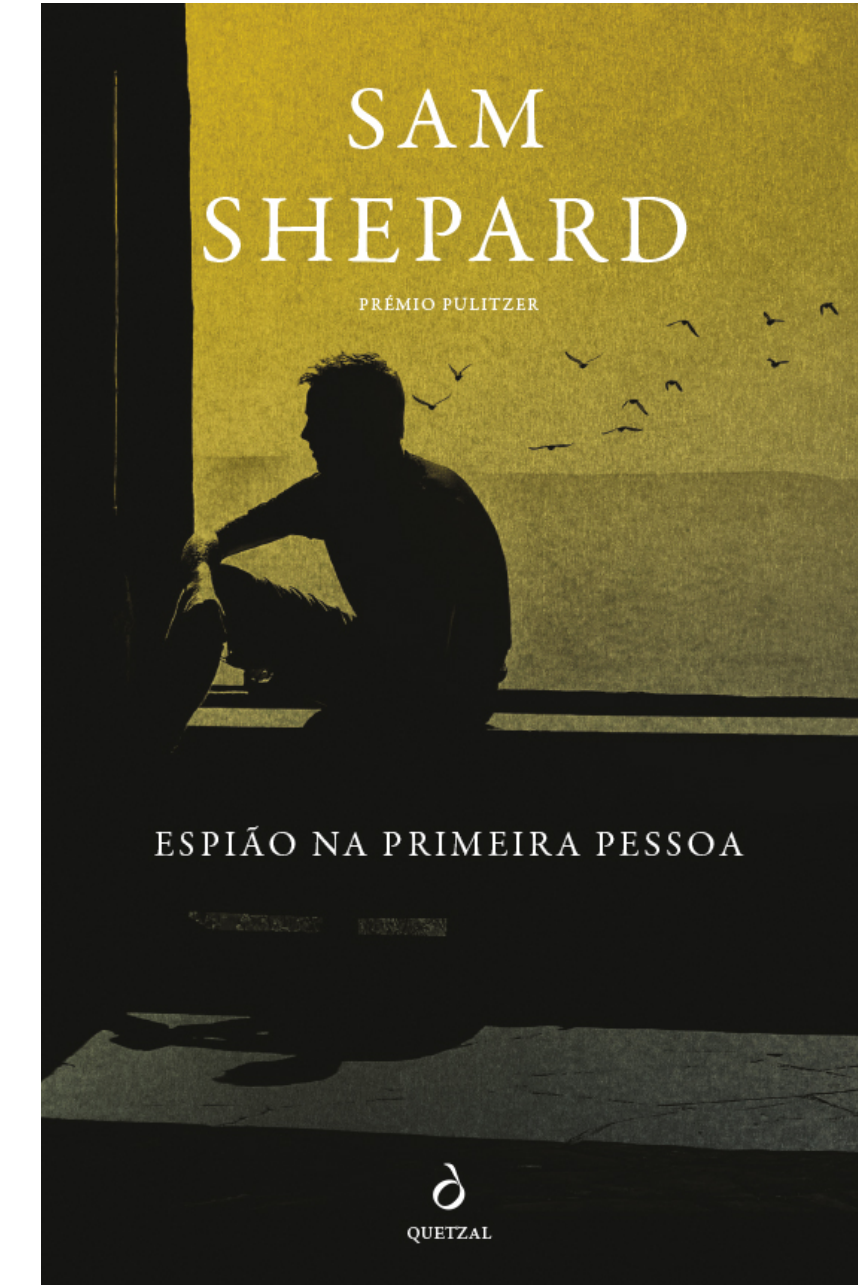
ESPIÃO NA PRIMEIRA PESSOA



QUETZAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SAM SHEPARD

PRÊMIO PULITZER

ESPIÃO NA PRIMEIRA PESSOA

d
QUETZAL

*

Sinopse:

Espião na Primeira Pessoa é, num primeiro plano, a observação pelo narrador de um homem de idade, um vizinho do outro lado da rua. O velho enigmático que observa será, afinal, ele próprio, num tempo perto do fim - e que desse presente aprisionado parte em digressões pela memória, mas também pelo espaço e pelo tempo remanescentes.

O registo não é realista - é por vezes surreal -, o fluxo da consciência corre livre e anarquicamente, e a identidade é móvel ou constantemente transmutável (o narrador é quem vê, mas também é o outro, o objeto do escrutínio). Mesmo assim, o resultado é muito lícido: o homem que olha de perto os passos (ainda que mentais), as sensações e reflexões que antecedem o fim do seu caminho.

Sam Shepard trabalhou neste livro até poucos dias antes da sua morte, em julho de 2017, provocada por uma esclerose lateral amiotrófica. Já perto do fim, ditava com esforço e as suas duas irmãs transcreviam. O trabalho final de edição e revisão do livro foi feito com a ajuda de Patti Smith, antiga amante e amiga de mais de 40 anos.

*



© David Gahr

Sam Shepard trabalhou neste livro até poucos dias antes da sua morte, em julho de 2017. Já perto do fim, ditava com esforço e as suas duas irmãs transcreviam. O trabalho final de edição e revisão do livro foi feito com a ajuda de Patti Smith, antiga amante e amiga de mais de 40 anos.

É autor de mais de 44 peças teatrais e de três coletâneas de contos. Enquanto ator, apareceu em mais de 40 filmes, tendo sido nomeado para um Óscar em 1984. Foi finalista do prémio literário W.H. Smith com o seu livro de contos *Great Dream of Heaven*. Foi-lhe atribuído o doutoramento *honoris causa* pelo Trinity College, de Dublin, em 2012. Membro da Academia Americana das Artes e Letras, recebeu, da mesma, a Medalha de Ouro para Drama. Foi galardoado, em 1979, com o Prémio Pulitzer.



Título: Espião na Primeira Pessoa

Título original: Spy of the First Person

Autor: Sam Shepard

1.ª edição em papel na Quetzal: agosto de 2018

Tradução: Salvato Telles de Menezes

Revisão: João Assis Gomes

Preparação: Diogo Morais Barbosa

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2018 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 2017 The Estate of Sam Shepard

Esta tradução foi publicada por acordo com Alfred A. Knopf, uma chancela do Knopf Doubleday Group, que faz parte da Penguin Random House, LLC

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1

1500-499 Lisboa

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-722-551-2



Em Memória de Sam

Os filhos de Sam — Hannah, Walker e Jesse —
gostariam de expressar o seu reconhecimento
pela vida e pelo labor do pai, bem como
pelo tremendo esforço que fez para completar
o seu derradeiro livro.

1.

VISTO À DISTÂNCIA. Isto é, a ver do outro lado da estrada, é difícil dizer qual a idade dele por causa do alpendre fechado com rede a toda a volta. Por causa dos óculos escuros a toda a volta. Roxos. O Mascarilha. Bandido mascarado. Não sei o que está a proteger. Está efetivamente dentro de um alpendre fechado, com insetos que zumbem, aves que chilreiam, todo o tipo de coisas estivais que vão ocorrendo, no exterior — borboletas, vespas, etc. —, mas é muito difícil dizer com exatidão a esta distância a idade que tem. O boné de beisebol, as jeans encardidas, o colete velho. Está sentado numa cadeira de baloiço que parece ter sido retirada de um Cracker Barrel. De facto, ainda tem a corrente de segurança partida à volta de uma perna. A esta distância penso que é verde, mas pode ser preta, a cadeira de baloiço, algumas dessas cores provenientes dos Fuzileiros, outras do Exército, outras da Força Aérea, depende da profundidade do patriotismo de cada um, e ele limita-se a baloiçar o dia inteiro. É tudo. Contar histórias deste ou daquele género, pequenas histórias. História de batalhas. Há pessoas que passam, e veem-no sentado ali no alpendre, na cadeira de baloiço, a murmurar de si para si. E limitam-se a subir e a sentar-se. Dá a ideia de que o conhecem. A princípio parece que não, mas depois sim. Também há outras pessoas que vêm visitá-lo. Que vêm e vão. Uma parece

ser o filho. Alto e magro. Outra parece ser a filha. Duas parecem ser as irmãs. Vêm e vão das profundezas da casa, mas é muito difícil dizer a esta distância qual a profundidade da casa.

Pintarroxos chilreiam aprovação. Mais ou menos. Os pintarroxos não param de chilrear aqui, seja lá qual for a razão. Penso que talvez o façam para protegerem os ninhos. Para protegerem ovos azul-claros. De corvos e melros. Que investem. Aves ameaçadoras que tentam apanhar as crias deles. Pequenos pintarroxos com peitos vermelhos que chilreiam loucamente para tentarem escorraçar os corvos. Passarões maus.

2.

FIZERAM-ME TODOS OS EXAMES. Lá no meio do deserto. Do deserto pintado. Terra de apaches. Terra de saguaros. Fizeram-me análises ao sangue, é claro. Todos os tipos de análises ao sangue para analisar os meus glóbulos brancos, para analisar os meus glóbulos vermelhos, analisando-os uns em oposição aos outros. Depois fizeram exames à minha espinal medula. Até me fizeram uma punção lombar. Fizeram-me várias ressonâncias magnéticas. Tubos pelos quais era possível olhar para todo o meu corpo para ver se havia qualquer paralisia de ossos e músculos. Amostras, cortes transversais. Raios X. Imagens fantasmáticas. E observaram a deterioração e observaram todo o tipo de coisas e não conseguiram apresentar nenhuma resposta até que apareceu por fim um tipo, creio que era um neurocirurgião, tinha cabelo preto e uma bata branca e óculos, eletrochoques de sondagem com uma vara metálica. Injetou-os em ambos os braços e uma corrente elétrica começou a pulsar e senti esses choques nos meus braços. Foi ele que apresentou a resposta de que havia alguma coisa que não estava bem. E eu disse, bom, eu sei que alguma não está bem. Porque acha que estou aqui? Limitou-se a olhar para mim com uma expressão vazia.

De manhã ia tomar o pequeno-almoço a uma tasca mexicana. *Enchiladas*. Queijo com ovos. Pimentos

verdes.

3.

COSTUMAVA HAVER POMARES até onde o olhar alcançava. Como postais ilustrados. Laranjeiras, oliveiras, vinhas, abacateiros, limoeiros, pereiras. Pomares de todos os géneros correspondendo à nacionalidade que os trouxe para cá. Por exemplo, os italianos e os espanhóis trouxeram laranjas, abacates — bem, os abacates vieram via México —, tangerinas, toranjas, esses géneros de coisas. Os italianos trouxeram as oliveiras. Vindas de Pádua, folhas verdes e curvas, troncos nodosos como velhos marinheiros. Casca preta, folhas prateadas. Havia oceanos de olivais em todo o lado. Lá nas alturas de Chico havia pomares de amendoeiras. Pomares de amendoeiras que ficavam brancos na primavera. Belos pomares de amendoeiras que pareciam caligrafias japonesas. Maravilhosos. Matas de nogueiras. Palmeiras no deserto de Indio. Altas. Muito altas. Algumas com trinta metros ou mais. Havia uma cidade fronteiriça entre a Califórnia e o Arizona. O rio Colorado atravessava-a. Era 1953 e os brancos costumavam vestir-se como árabes em camelos e desfilavam para trás e para a frente pela rua com bonés Shriner e fingiam estar cheios de orgulho árabe. Eram tipos do Midwest que possuíam barbearias e drogarias e usavam óculos de lentes grossas. Nunca tinha visto o deserto. Costumava andar no banco traseiro de um Chrysler, atravessando o rio Colorado com a minha tia,

a minha tia-avó que tinha cabelo azul e era galesa e o marido era razoavelmente rico, mas já tinha morrido. Chamava-se Charlie Upton, de Liverpool. E tinha uma queda por uísque e rixas em bares. Numa dessas lutas arrancaram-lhe uma orelha à dentada. Ao estilo de Mike Tyson. Mordida mesmo a meio, de modo que só tinha metade de uma orelha num dos lados da cara. Não me lembro de qual o lado. Seja como for, era suficientemente rico para comprar um sedã Chrysler no mercado negro durante a guerra. Um carro grande e pesado. Um belo carro. Bom para a estrada. Tinha assentos de xadrez. Xadrez, não uma cor qualquer, mas xadrez vermelho. Tinha um descanso para o braço que se dobrava a meio do assento traseiro e atrás de cada um dos assentos da frente havia uma espécie de cordão que os atravessava, creio que para ajudar a entrar e a sair do veículo se se fosse idoso. Nessa altura não era assim tão velho, talvez oito ou nove anos, e a minha tia-avó que era a irmã da mãe da minha mãe chamava-se Grace e tinha cabelos azuis. Levava-me até Indio, ao festival de tâmaras, onde tomávamos batidos de tâmara e observávamos os brancos que fingiam ser árabes em camelos que desfilavam ao calor para a frente e para trás. Era possível ver papagaios que espreitavam do alto das palmeiras de trinta metros. Vermelhos. Pretos. E verdes. Batidos de tâmara, imaginem só.

Há um lugar no caminho para lá que sempre me trouxe paz e não sei porquê. Há um cais ao fundo. O cais dá para o Pacífico. O cais range e geme. Às vezes vibra e faz ruído quando os carros o percorrem. As tábuas chocalham. A areia cobre o passeio. Areia que o vento traz da praia. Surfistas com doze ou talvez treze anos levam as pranchas debaixo do braço de regresso a

casa ao cair da noite. Com bermudas, cabelo todo oleoso, cobertos de areia. Cãezinhos seguem-nos. Cãezinhos de nenhuma raça importante. Há pelicanos pendurados no cais. As gaivotas fazem voos picados. Os maçaricos zumbem e cantam e fazem as suas dançazinhas. As algas estão encharcadas. Ao longe duas pessoas estão a levantar-se na praia apenas em fato de banho e a dobrar uma imensa toalha cor de laranja. Os esquilos tratam de se escapulir à procura de abrigo. O sol põe-se no Pacífico. As pessoas abrem as portas dos carros à distância. Carregando em botões, arrancando ruidosamente os carros, fazendo as portas zunir e cantar, fazendo pequenos ruídos à *Encontros Imediatos do Terceiro Grau*. Pessoas entram e ligam carros, conduzindo para fora dos parques de estacionamento debaixo das palmeiras, passando por relvados, passando por salas envidraçados onde mulheres loiras lhes servem lagosta. Alguém desliga um cortador de relva. Alguém está sentado numa paragem de autocarro. Alguém espera alguém. As luzes começam a acender-se. Começam a servir o jantar. Trazem panelas a fumer com qualquer coisa. Qualquer coisa como caranguejo. Qualquer coisa como bacalhau. Tigelas cheias de bacalhau. Tigelas cheias de arroz quente. As pessoas regressam a casa. Alguém está à espera de alguém. Alguém está à espera de um autocarro. Alguém está à espera de alguém que o leve dali — que o leve para longe. Em baixo começam apenas a nadar; embora ainda não esteja mesmo escuro, começam. Velhos começam a beber. Mulheres jovens fumam cigarros. Os barcos baloioçam para cá e para lá, para cá e para lá. Os sinos soam. Alguns barcos descarregam redes. Redes cheias de polvos que se derramam pelo cais. Alguém

está à espera.

Mas neste quarto estão a pôr na mesa pratos carregados de ostras, pratos carregados de lagostas. Peixe e arroz a fumer. Enchem grandes copos com cerveja. Dirigindo-se para a janela, alguém comenta a corrida. Lembro-me disso. Alguém diz: «Um cavalo foi abatido a tiro. O que ia à frente. O cavalo que ia à frente foi atingido a tiro. Há um jóquei caído. Aí está a notícia da manhã.»

4.

POR NORMA NÃO SOU uma pessoa desconfiada. Não ando por aí a olhar por cima do ombro à procura de surpresas. Mas tenho a sensação — não posso deixar de ter a sensação — de que alguém me observa. Alguém quer saber alguma coisa. Alguém quer saber alguma coisa sobre mim que nem eu sei o que é. Sinto que se aproxima cada vez mais de mim. Ouço-o a respirar. Posso dizer que é masculino pelo cheiro do hálito. Não sei o que quer. Mostra cada vez mais curiosidade pelas minhas idas e vindas. Sobre mim. Parece querer saber alguma coisa sobre as minhas origens.

5.

DE ONDE VIMOS REALMENTE? É uma questão. Era um deserto? Era uma floresta? Era uma montanha? Era a pradaria? De onde vimos efetivamente? Do rio Colorado?

Se estivéssemos em viagem num país estrangeiro e perdêssemos os nossos cães e perdêssemos o nosso carro e perdêssemos a mensagem que a nossa mãe nos pregou no colarinho e perdêssemos as nossas roupas e estivéssemos nus e alguém se aproximasse de nós e perguntasse, de onde é, como responderíamos? Perguntaríamos ao único antepassado que era português? Ou perguntaríamos à Invencível Armada? Alguém foi esquecido.

6.

PARA FALAR VERDADE, não sei de onde é que ele veio. Descobri-o por acaso. Dobrado para trás, a tentar respirar. Um dia estava sentado aqui da mesma maneira que ele está agora, mexendo os polegares, e estava a olhar para o outro lado da rua e vi esta cadeira a baloiçar para trás e para a frente, e então vi que havia alguém sentado nela. E lá estava ele. Limitou-se a aparecer. Não sei se comprou ou arrendou a casa e convidou as pessoas da família ou se já lá estavam e ele veio visitá-las ou se tem um arrendamento a curto prazo. Não sei ao certo. Às vezes as pessoas aparecem assim vindas não se sabe de onde. Limitam-se a aparecer e depois a desaparecer. Muito depressa. Precisamente como uma fotografia que emerge de um banho químico.

7.

NÃO TENHO A CERTEZA daquilo que ele está a ver agora, o ar está tão turvo, e também não tenho a certeza daquilo que estou a ver. Se está a falar de si para si ou se está a falar com outra pessoa ou o que está realmente a fazer. As aves deixaram de cantar. Há nuvens brancas e fofas por todo o lado, mas o ar continua turvo. As árvores estão a recuperar a vida. Há um par de ténis velhos pendurado nos fios telefónicos, preso lá em cima por atacadores desfiados.

Come queijo e bolachas o dia todo. Chá gelado. Beberrica. Mas tem dificuldade com as mãos e os braços, dei-me conta disso. As mãos e os braços não trabalham muito. Usa as pernas, os joelhos, as coxas, para levar os braços e mãos à cara a fim de conseguir comer o queijo e as bolachas. Parece que tem de ir periodicamente à casa de banho ou outra coisa qualquer. Levanta-se. Vacila quando se levanta. Parece que vai cair. Tombar para a frente. Deve ser essa a razão para o sinal de deficiente que pende do retrovisor do carro parado à entrada. Oscila de um lado para o outro. Acena. Dá mesmo a ideia de que vai cair, mas não cai. Às vezes chama por um dos familiares — um dos filhos ou filhas ou alguém muito próximo como as irmãs. Acena e eles vêm até ao alpendre. Por outras palavras, levanta-se, vacila, faz estas coisas uma e outra vez. Queijo e bolachas, chá gelado, ler. Depois chama

por alguém que aparece e trata dele. Leva-o para dentro de casa. Levam-no pelo braço e fazem-no entrar. Atravessa uma porta de rede, entra na casa às escuras e desaparece. Não se sabe qual a profundidade da casa. Quando volta, frequentemente com a mesma pessoa, de braço dado, ou lhe descem ou lhe sobem o fecho-éclair. Sobem o fecho das calças. Por outras palavras, fez qualquer coisa de muito privado. Ou urinou ou fez número dois e ajudam-no por isso. Ajudam-no a recuperar e depois voltam a colocá-lo na cadeira de baloiço. Descem-no com muita delicadeza, embora em certo ponto pareça que cai de costas na cadeira a arfar e a ofegar. Diz, quanto mais desamparado estou, mais remoto me torno. Estou a ver tudo isto? O ar continua turvo. Pode perguntar-se porquê. Porque estou tão interessado. É por pura curiosidade ou tenho outro motivo qualquer. Por exemplo, contratado por uma agência de investigações qualquer. Ou é tudo por acaso?

8.

PORQUE ME OBSERVA? Não entendo. Já nada parece estar a funcionar. Mãos. Braços. Pernas. Nada. Limito-me a estar para aqui deitado. À espera de que alguém me encontre. Olho apenas para o céu. Sinto o cheiro dele perto de mim.

9.

ERA AQUELA ALTURA DO DIA de que tanto gosto. Sobre a qual houve quem escrevesse poemas. A altura do dia em que a tarde caminha para noite. Crepúsculo, acho que é assim que se chama, e esgueirei-me para o outro lado da estrada. Passei para o outro lado da estrada, na expectativa de dar uma espreitadela antes que começasse uma conversa qualquer com alguém visível ou invisível. Atravessei a estrada. Tinha estado a chover durante três dias seguidos. A chover. A rua ainda tinha água a correr. A água caía em todo o lado. Não era chuva mas água residual. Cheguei ao outro lado passando pelos carros estacionados, por todos os tipos de carros estacionados. Havia Toyotas, havia Chevys, havia Fords, havia Zumbayas. Todos os tipos de carros, e cheguei à cerca que não era uma cerca de camélias nem de hidrângeas nem de nada do género. Não era identificável. Saíam flores brancas dela mas não sabia o que eram. Consigo topá-lo através das flores brancas, através da cerca. Mas não tinha a certeza. Era capaz de topar qualquer coisa dali, mas não tinha a certeza do que seria. Oh, não importa, descubro depois. É isso que se passa com depois. Não se sabe o que vai surgir. Não se sabe se as pontas soltas se vão juntar. É certo que alguma coisa vai acontecer mas não se sabe o que é. Por exemplo — estou na rua, por exemplo. Cá fora com as aves e os insetos. Não é bem cá fora, mas quase.

Mesmo do outro lado. Nunca é como foi. As nuvens. O enorme céu. As flores. O chilrear.

PARECE QUE FOI ONTEM que estivemos a jogar à malha. Tu e eu. Tu eras um homem nessa altura. A malha era um desporto de velhos mas tu eras um jovem. Gostavas do peso da bola de ferro, que batia na areia com um baque. A bater umas nas outras com um som cavo. Pousámos o nosso café no corrimão. Estávamos a jogar num velho restaurante. Tinha um campo de areia. Um velho restaurante que tinha sido um celeiro. Ou um armazém de ameixas. Não me lembro. Numa cidadezinha do Norte. Meio dentro meio fora. Fizeram-no parecer muito italiano. Muito Velho Mundo. As lâmpadas pendentes. De diferentes cores. As paredes de tijolo. Cera a pingar das velas. Numa cidadezinha onde os trabalhadores migrantes estão encostados nas esquinas à espera de trabalho. Sentados numa paragem de autocarro à espera de um autocarro que nunca chega. Que não parecem preocupados com o facto de arranjam emprego ou não. Juntam-se todas as manhãs apenas por razões de camaradagem. A conversa. Todos estes trabalhadores migrantes a falarem as suas línguas. Apenas pelo gozo de estabelecer contacto com o conhecido. Agora sinto que tudo isso é muito claro. É como se o pudesse ver. Há, tanto quanto me lembro, uma cafetaria gerida por uma jovem de Berkeley. Fez uma data de cafés lá. De todos os tipos. Alguns do Brasil. De África. Das profundezas

do coração do México. Tu andavas mais ou menos metido com ela. Lá atrás quando parecia como se fosse apenas ontem. Dormi no chão da tua lavandaria. Cimento azul. Durante toda a noite ouvi o ruído dos carros que iam e vinham de Calistoga. Acho que era Calistoga. Para onde mais poderiam ir? Pessoas de férias. Pessoas sem nada melhor para fazer. Tu dormiste no sótão que construístes. Tinhas um gato manês. Tinhas um grande gato manês sem cauda. Costumava saltar do poleiro no teto para o teu saco de dormir a fim de te estrangular. Era cinzento-amarelado e tinha tufos nas orelhas. Acho que se chamava Max. E tu depois foste trabalhar num armazém de comida para animais. Eras especialista em canários, creio. Sabias todas as cantigas deles. Sabias de onde provinham pelas cantigas. Itália, Inglaterra, Espanha, Turquia, Grécia, França. Cada um era singular. Estavas todo o dia a recolher cantigas. Eras um colecionador. Ovos. Cores. Alguns eram de um amarelo brilhante. Outros de um laranja brilhante. Alguns mudos. Havia um preto. Um canário preto. Sem cantiga.

11.

NÃO CONSIGO DEIXAR DE SENTIR uma similaridade entre mim e ele. Não sei o que é. Às vezes parece que somos a mesma pessoa. Um gémeo perdido. As sobrancelhas. O queixo. Um tique numa orelha. As mãos nos bolsos. A maneira como os olhos parecem simultaneamente confiantes e perdidos.

12.

NESSA ÉPOCA LEVANTAVAS-TE sempre bastante cedo. Muito antes de mim. Seis ou cinco, mais coisa menos coisa. Dando a comer ao Max uma coisa fedorenta. Ouvi a lata cair no lixo. Ainda ouço a lata cair no lixo. Saías sempre de casa para ir trabalhar na loja de alimentação com os teus canários numa cidade não muito longe daqui. Outra cidadezinha sua maneira. Nessa época este país estava cheio de cidadezinhas. Também trabalhavas com frangos, tanto quanto me lembro. Frangos sarapintados. Legornes¹. Camadas de ovos brancos. Lembro-me de uns frangos espanhóis. A cor singular dos ovos. Longe de serem brancos. O ovo era azul como o céu. Às vezes de uma leve tonalidade verde. Costumava ficar a observá-los no galinheiro da nossa casa. Sentava-me à sombra de um velho abacateiro. Era tão velho que tocava no chão. Alguns dos ramos tinham penetrado no chão e criado raízes. Uma árvore gigantesca. Os frangos adoravam-na. Fornecia-lhes muita sombra e conseguiam ouvir os coiotes a aproximarem-se porque um coiote fazia sempre estalar as folhas caídas. Seja como for, o tempo a que me estou a referir é o tempo em que vivias naquela garagem de uma casinha. Viver numa garagem, numa cidade muito pequena no Norte da Califórnia onde os trabalhadores migrantes se encostavam às esquinas, à procura de trabalho ou na expectativa de arranjar algum.

Normalmente a podar, a limpar com ancinho, a trabalhar nos pomares. A podar videiras. A reunir as sobras. Queimavam tudo isso no meio dos campos. Cones de fumo que sobrevoavam a autoestrada.

Justamente agora há um penacho gigantesco, uma nuvem branca, erguendo a cabeça por cima da quinta. A minha filha diz que parece uma bomba atómica. Ela é muito esperta. Vê coisas. Vê coisas antes de ocorrerem.

¹ Raça de galinhas. (*N. do T.*)

NESSA ÉPOCA TINHAS AQUELAS PEDRAS todas no pátio. Lembras-te? Vermelhas, verdes, azuis, brancas, cinzentas, todas de cores diferentes. Muito nítido. Pedras. Tu tinhas qualquer coisa em mente. Formas. Figuras. Estavas a trabalhar nisso. Pedras diferentes. Estava a trabalhá-las com utensílios manuais, cinzéis, martelos e limas. Havia uma realmente frágil, uma figura verde, à qual tinhas medo de partir o pescoço. Pedra. Tinhas de ser muito cuidadoso ao tocar-lhe porque um movimento em falso poderia fazer rolar a cabeça aos teus pés. Lembro-me das tuas mãos. Das tuas mãos na relação com a pedra. Muito nítido. Um quintal das traseiras com uma sebe de rede a rodeá-lo. Havia água algures, um fontanário. Ias a Berkeley e Oakland na tua carrinha. Ias lá à procura de uma pedra e gostavas daquele lugar em especial. Aquela pedreira. Porque o homem, um tipito italiano que a dirigia, parecia saber alguma coisa sobre pedras e guiava-te sempre na direção certa. Havia todas aquelas fogueiras à volta, fogueiras pontilhavam a paisagem, era a época das fogueiras. Estávamos a comer sanduíches a uma janela panorâmica e creio que tínhamos ido nadar a Indian Springs na água quente de lá com palmeiras ao redor e cobras. A água era tão quente quando jorrava da montanha que fumegava. Grandes nuvens de vapor subiam para o céu. Tinha de arrefecer num tanque

antes de seguir para outro porque estava demasiado quente para se poder nadar nela. Lembro-me disso com toda a nitidez.

Acabaste a escultura, a verde. Pedra. Acabaste-a e puseste-a na cozinha por cima do velho televisor a preto-e-branco.

ÀS VEZES, FREQUENTEMENTE, fala de si para si. Quem mais poderia ser? Vejo a esta distância — vejo que os lábios dele se movem. Os lábios fazem-lhe companhia. Mas é muito difícil dizer. Os gestos dele — bom, os gestos são os mesmos, como se estivesse a falar com alguém. Devia haver alguém. Mas é difícil dizer. Às vezes.

Às vezes alguma coisa passa por mim. Não tenho a certeza do que seja. Às vezes investindo como o vento. Às vezes unhas dos dedos dos pés ou apenas os dedos na espuma do mar. Às vezes cor. Lembro-me de que às vezes começavas histórias inteiras. Às vezes parágrafos. Às vezes frases com as palavras «às vezes». Lembras-te de como fazias isso? Pensava que era uma boa maneira de começar. «Às vezes.» Por outras palavras, não sempre mas às vezes. Por outras palavras, às vezes não sempre. Às vezes isto ou aquilo. Às vezes aves. Porquê aves, perguntavas. Porquê aves? Às vezes. Porquê cor? Às vezes. Porquê... vento? Cães? Às vezes fazia todo o sentido para mim. Fazia todo o sentido.

Ou começavas uma frase ou uma história com «por exemplo». Por exemplo, um único carvalho a crescer. Por exemplo, o vento sopra. As folhas caem. O cão ofega. As moscas zumbem. As borboletas entram e saem. As folhas caem por exemplo às vezes não sempre. Só às vezes.

Penso às vezes que ele tem realmente um problema.

Há pessoas que cuidam dele às vezes e às vezes limita-se a ficar sentado sozinho a falar de si para si. Sem quaisquer gestos. Ou adormece. Às vezes gostava de regressar a esses tempos. Há um carro à entrada com um dístico azul de deficiente. Um carro branco. Um carro branco com uma matrícula do Arizona.

Não estou a tentar provar-te nada. Não estou a tentar provar que era o pai que tu acreditavas que eu era quando eras muito novo. Cometi alguns erros mas não faço a menor ideia de quais tenham sido. E nunca tive o desejo de recomeçar. Não tenho desejo de eliminar partes de mim. Não tenho desejo. Talvez nos devêssemos encontrar na qualidade de completos estranhos e falar ao longo da noite como se nunca nos tivéssemos encontrado. A única coisa que sabemos é que há uma reminiscência qualquer, qualquer coisa misteriosamente relacionada. Às vezes.

Pões bandeiras em paus a fim de guiar a memória. A fim de guiar qualquer coisa. Por outras palavras, qualquer coisa ressalta. Uma bandeira num pau. Do tipo daquilo que fizeram os espanhóis nos anos de 1500, quando puseram estacas nas planícies desde a fronteira do Novo México até ao Norte do Texas, para assinalar onde tinham estado e para onde iam. Porque ninguém sabia. Bandeirinhas vermelhas em paus. Eram as terras dos comanches, que sabiam sempre e com toda a exatidão onde estavam mas para todas as outras pessoas tudo parecia estar perdido.

EU ERA RELATIVAMENTE SAUDÁVEL. O meu filho era muito saudável. Tu, meu filho. O que trabalhava com canários e pedra. Penso que os teus avós, Jay e Aubra, viviam noutra garagem do outro lado da cidade nessa altura. Jay era muito saudável mas Aubra nem por isso. Tinha uma data de doenças que pareciam piorar quando chovia. Tosse. Espirros. De vez em quando vômitos. O problema com ela — a outra garagem — é que ficava num leito de cheia. De modo que quando chovia a sério ficavam com água pelo pescoço. O linóleo descolava e encaracolava e saía das suas fronteiras de alumínio. Mas até essa altura iam felizes de braço dado à cafetaria que era da mulher de Berkeley que tinha um caso contigo. Era casada nessa altura mas tu não te importavas com isso. Ela também não se importava com isso. Com o casamento. Estavam apaixonados. Ela tinha montes de café e estava quase sempre de serviço na cafetaria. Os teus avós iam a pé até lá de braço dado. Também eles estavam muito apaixonados. Sempre estiveram. Aubra continuava a fingir que tudo estava bem. Iam até à cafetaria. Caminhavam pelo *zocalo* — o parquezinho — que nesses tempos parecia uma velha aldeia mexicana. Sentavam-se a uma mesa a um canto, que dava para o *zocalo* através de uma grande janela panorâmica, e observavam os trabalhadores migrantes que falavam sobre problemas

de família. Por exemplo, mulheres. Estavam sempre a falar de mulheres. Esposas, namoradas. Estavam sempre a falar de mulheres. Entretanto, no interior da cafetaria, Jay e Aubra eram o foco das atenções enquanto bebiam uma chávena de café brasileiro, falavam sobre Nietzsche e Erroll Garner¹ e tomavam banhos quentes. Sentavam-se à mesa circular junto da janela panorâmica às primeiras horas da manhã porque Jay gostava de se levantar a horas impróprias — quatro da madrugada às vezes. Três da madrugada às vezes. Era pior do que tu. Aubra, pelo contrário, costumava ter enxaquecas e dormir todo o dia. Estava a ficar cada vez pior. Mas Jay adorava levantar-se.

Foi mais ou menos por essa altura que as chuvas começaram e choveu e choveu e choveu e choveu e choveu. Não era bem um apocalipse, mas alagou a cidadezinha. A planície alagada. Alagou a segunda garagem onde Jay e Aubra estavam domiciliados. Alagou tanto que foram forçados a sair de lá. O rio Russian transbordou. Houve pontes destruídas. Barragens rebentadas. O céu chorava.

Por essa altura Jay herdou algum dinheiro do pai e esse dinheiro era suficiente então para comprar uma casa. Por isso, ele e Aubra saltaram para dentro do Chevy Nova branco e viajaram para o Novo México porque tinham sido informados por um amigo que Columbus, no Novo México, era um excelente lugar para viver. Ora Columbus era a cidade que Pancho Villa atacara em 1914 ou coisa do género — e é notoriamente a primeira cidade dos Estados Unidos que foi invadida a partir do exterior, incluindo Pearl Harbor, é claro. Mas só dificilmente se poderia considerar uma cidade. Columbus foi a primeira cidade

onde houve uma intrusão estrangeira, digamos. Mandaram para lá um tal general Pershing mas ele nem sequer a poeira de Pancho Villa viu. Pancho Villa passou por Columbus, no Novo México. Seja como for, quando Jay e Aubra chegaram a Columbus, a cidade era totalmente diferente daquilo que tinham imaginado. Fosse lá o que isso fosse. Havia plástico preto no arame farpado que o vento fazia mexer. Havia pombos mortos na estrada.

Deram meia-volta e foram até Deming, no Novo México. Deming, mesmo a sul de Truth or Consequences². Deming, terra das corridas de patos. Foram no carro até uma agência imobiliária onde perguntaram se havia alguma coisa para venda. O homem disse que sim. De modo que foram até esse lugar, que ficava na esquina da Iron Street com outra rua qualquer, e gostaram logo e Jay entregou toda a herança duramente obtida ao agente imobiliário e repentinamente viram-se proprietários de uma casa, coisa que antes não tinham tido. Eram donos de uma casa, facto que julgo ser uma boa coisa. Era dono de uma casa numa cidadezinha fronteira chamada Deming. Foi assim que lá foram parar. Olha para o céu, disse Jay a Aubra. Ela levantou os olhos — Estás interessada em tudo isto? Nos teus antepassados? Na tua avó e no teu avô? No amor?

Entretanto, de regresso à cidadezinha, a cidadezinha mexicana *zocalo*, tu e a mulher que era dona da cafetaria, agora tua mulher, viviam em perfeita harmonia. Jay e Aubra levaram todas as coisas deles da garagem inundada para Deming, no Novo México, num furgão. Um piano vertical, muitos livros, muitas

fotografias, muitos animais empalhados, uma mesa de carvalho cheia de nós, um sofá partido, tudo aquilo que tinham acumulado, mais os cadernos e as fotografias bolorentas e encharcadas de Jay. Levaram tudo para Deming e começaram a ter uma vida.

¹ Pianista e compositor de jazz (1923-1977). (*N. do T.*)

² Cidade do Novo México. (*N. do T.*)

NESTE DESERTO, O DESERTO PINTADO, a que originalmente me referia, caminha-se pelo meio de jardins esculpidos à moda zen repletos de areia cuidadosamente alisada com ancinho e catos até se chegar à clínica. E estes jardins esculpidos estão cheios de pequenos sinais. Parecem dominós à distância. Sinais que dizem Atenção às Cascavéis. Cuidado com as Cascavéis. Há pessoas que vêm de todos os cantos do mundo para se curarem na clínica. A cura mágica. Pessoas que chegam em elegantes limusinas. Pessoas levadas por empregados bem-apegoados em cadeiras de rodas muito sofisticadas até à célebre clínica. Portas de vidro deslizantes que se abrem para passarem. Na parede da recepção há as fotografias dos dois irmãos que criaram a clínica no Minnesota. Estão numa tempestade de neve. Tem raquetes de neve calçadas. Pesados sobretudos. Trazem a cura para os ermos. Flocos de neve esvoaçam por todo o lado. Aqui no deserto a temperatura é de 44 graus centígrados, mas estes homens caminham penosamente pelo meio da neve com sorrisos beatíficos nos lábios. É um mural gigantesco que se estende de um lado da clínica até ao outro. Maior do que o tamanho natural. É possível ouvir os ventos do nevão. Mas lá fora no Arizona a temperatura é de 44 graus centígrados e há jardins esculpidos repletos de areia e catos e cascavéis. Maior do que o tamanho natural.

ERA UMA VEZ UM PANCHO VILLA que veio de Durango, no Velho México, que nessa altura era mesmo o fim do Caminho de Santa Fé. Ou o princípio. Dependendo da direção em que se ia. Por outras palavras, o Caminho de Santa Fé começava por assim dizer cerca de St. Louis, no Missouri. Quer dizer, se se fosse americano. Isto foi na época em que a América estava muito isolada. Rodeada de inimigos. O Caminho de Santa Fé ia do Missouri e depois descia até Durango, no Velho México, onde Pancho Villa nasceu. E Dolores del Río também lá nasceu. Há uma Avenida Dolores del Río no centro de Durango. Se é que isso interessa a alguém. Seja como for, logo após a Revolução Mexicana, Pancho Villa retirou-se para uma *hacienda* nos arredores de Durango. Descobriram que ele já não era o cerne da revolução. Havia um índio no Sul chamado Emiliano Zapata que era mais importante politicamente. Pancho Villa estava a viver nesta *hacienda* e a passar bons momentos. Tinha esta *hacienda* e tinha um sedã Dodge castanho com motorista e tinha muitos, muitos guarda-costas. Villa costumava ir de vez em quando à cidade para recolher ouro do banco a fim de poder pagar os muitos, muitos *peones* e pessoas que trabalhavam para ele na *hacienda*. Um dado dia resolveu ir ao banco. E por isso partiram no sedã Dodge e foram até à cidade de Durango, no México, e dirigiram-se para o banco e

trouxeram sacos de ouro para pagar a todos os *peones*. Regressaram ao Dodge e saíram da cidade poeirenta para regressar à *hacienda* e subitamente um rapaz, um rapazinho de nove ou dez anos, apareceu — era um vendedor de sementes de abóbora e estava descalço e tinha um *sombrero* imenso e um saco de sementes ao ombro. Apareceu a gritar o nome de Pancho Villa. Muito empolgado. Pôs-se à frente do Dodge abanando os braços escanzelados e disse: «Pancho Villa! Pancho Villa! Viva Pancho Villa!» E isto foi o sinal para todos os assassinos saírem de onde estavam escondidos e crivarem de balas Pancho Villa no Dodge castanho. Foi a última vez que alguém ouviu falar dele. «Pancho Villa! Pancho Villa! Viva Pancho Villa!» Foi o fim daquilo. Fim da história.

Durango continua lá, o deserto continua lá, o México continua lá. Tudo continua lá, mas tudo mudou. Jay e Aubra foram para o Novo México e não tinham nada que ver com Pancho Villa. Eram dois sujeitos diferentes, duas entidades diferentes, que nem sequer viviam na mesma altura.

NÃO GOSTO DA IDEIA de ele falar de Pancho Villa. Se entreouveiu ou se soube por via de mexericos ou livros de quadradinhos, não percebeu. Para mim, a história de Pancho Villa é totalmente privada e pertence ao mundo da fábula. Porque haveria ele de meter o nariz em informação que é privada? Não tem nada que ver com ele, não é uma história que deva ser contada por ele.

HÁ ALGUMAS COISAS que não sabes sobre mim essencialmente porque aconteceram antes de teres nascido. Por uma razão qualquer, destacam-se na minha memória. Antes não, mas agora sim. Por exemplo, não sabes que eu costumava dormir num colchão colocado no chão na esquina da Avenida C com a Tenth Street no Lower East Side, num edifício condenado à demolição. Costumava dormir lá num colchão, num canto do piso. E costumava aquecer aquele espaço todo com um fogão a gás, era um apartamento de quartos sequenciais, ocupando inteiramente um piso, sem qualquer móvel — apenas coisas encontradas na rua. E uma noite estava a dormir e fui acordado pelos gritos de uma mulher. Ponderei se saía para a ajudar, se descia as escadas para ver quem era. Passaram-me pela cabeça diversas coisas. Fiquei a olhar para a chama azul que vinha do fogão a gás da cozinha. Estava num dilema moral. E por fim acumulei a coragem suficiente para descer e dirigi-me para as escadas do fundo e saí do edifício e vi-a encurralada por um homem que lhe batia. Mal apareci, pararam ambos e voltaram-se a fim de olharem para mim. Tinham olhares tão estupidamente vazios como o do médico no deserto pintado. E ela disse, a mulher atirou-me à cara: «Para que porra é que estás a olhar?» Dei meia-volta e corri pelas escadas acima e a mulher

continuou a gritar na rua. O homem continuou a bater-lhe.

O TEMPO QUE ESTOU A TENTAR CAPTURAR — o tempo que estou a tentar capturar aqui é um tempo frágil. Como uma crosta muito estaladiça, muito pequena, que se arranha. Está um pouco turvo, este tempo. Não está muito claro para mim. Deve ter sido — deve ter sido, diria eu, em meados dos anos 70. Por aí. O que é que se passou? Não está claro. Camboja. Ofensiva do Tet. Helicópteros a cair. Watergate. Muhammad Ali. Paira como uma borboleta e pica como uma abelha. O rei castanho¹ do Triple Crown a comandar no campo de Belmont por trinta e duas medidas. A despeito da maneira como forem entretecidos, não há escapatória da confusão desse tempo.

¹ O cavalo Secretariat, de que se falará adiante. (*N. do T.*)

ESTE PERÍODO A QUE ME REFIRO deve ter sido algures em meados dos anos 70. Não foi? Nixon. Em qualquer altura. De qualquer modo. Mais ou menos. Fugido. Não posso falar muito sobre a fuga real a não ser para dizer que foi esgotante. Foi mentalmente esgotante. Ainda é. Todo o planeamento, toda a preparação e depois a experiência que, é claro, foi bastante diferente dos planos. A experiência é sempre diferente dos planos. A experiência foi esgotante. Ainda continuo exausto. Angel Island. Fuga de Alcatraz. Três fugiram. Pensaram que se tinham afogado. Talvez só um se tenha afogado. Uma fotografia tremida de 1975. Provas recentes geradas por computador que sugerem que dois conseguiram chegar à América do Sul, tal como Butch Cassidy e Sundance Kid.

Aquilo que sempre me fascinou em Alcatraz foi o facto de se poder ver toda a cidade da costa. Podia olhar-se diretamente para a paisagem citadina. A Golden Gate, a baía de Oakland. Podia ver-se tudo. A cidade pacífica com luzes a tremeluzir. A cidade a funcionar a despeito de Alcatraz. De modo que parecia que, embora se estivesse na linha de costa de Alcatraz, não seria difícil atravessar a nado a baía até à grande cidade. Contudo, a baía era muito traiçoeira. Tem correntes incontrolláveis. Às vezes vão de leste para oeste. Às vezes de oeste para leste. Às vezes de norte

para sul. Correntes múltiplas. Sem lado certo. Seja como for, podia ser-se apanhado pela hélice de um barco e andavam lá todos os tipos de barcos. Grandes barcas. Transatlânticos. Barcos a remos. Barcos de pesca. Rebocadores. Barcos de turismo. Apanhado por um deles. Muito traiçoeira. Aliás, eu estava tão cansado pelo caos desta era que nem sequer seria capaz de entrar na água para nadar à mão.

Lembro-me claramente de Lee Marvin a entrar na água de Alcatraz e a deitar-se de costas, como se fosse atravessar a baía a nadar dessa maneira. Como era um luxo para ele. A água e todas as correntes eram um luxo para ele. Era fácil, quase indolente. Era como se ninguém tivesse pensado nisso antes. E lá ia ele a nadar de costas pela baía. Ia deitado de costas na água. Na realidade não estava a nadar de costas mas tinha-se a impressão de que o ia fazer a qualquer momento. *Point Blank*¹. De 1967 ou por aí. E Angie Dickinson tentou agredi-lo. Ela tentou agredir Lee Marvin. Ela bateu-lhe com os punhos furiosamente no peito. Ela esbofeteou-o e pensei que não se estava a safar mal. Mas ele não se moveu. Não era um teste de masculinidade ou força ou coisa do género. Ele limitou-se a ficar quieto e ela esgotou-se. Era uma espécie de técnica de desgaste. Ele mantinha-se direito e Angie Dickinson batia-lhe até cair de joelhos e ficar enrodilhada no chão. Uma mulher amarrotada. Ei-la. E depois, para retaliar, ligou todos os utensílios domésticos. A batedeira, a torradeira, a máquina de lavar, todas essas coisas, e ele teve de dar a volta para desligar tudo. Ela provocava-o. Ele provocava-a. Era um filme provocador.

O que posso dizer sobre a fuga. Como já disse, há

muitos planos. Há o ficar acordado na cama a olhar para o teto, o teto de cimento. Preparando-se para escavar o reboco com a colher da cafetaria, a grade metálica, o próprio túnel, a passagem.

O trabalho avançou rapidamente logo que entrei no túnel, descontando as habituais teias de aranha e aranhas e coisas que por lá rastejavam. Pelo menos havia uma luz ao fundo do túnel. Mas quando cheguei lá abaixo vi que o caminho se tornava mais vertical do que horizontal. Subia, pelo que tinha de arranjar uma corda. Tinha de arranjar uma corda e fi-la efetivamente, fiz a corda, com os lençóis, e subi. E depois de subir, é claro que tive de saltar. Tinha de saltar uma distância razoável. Nunca pensei que fosse capaz. Mas saltei e consegui passar pelo meio dos caibros e subir, e surgiu um mundo completamente distinto.

Provavelmente não devia estar a contar isto tudo, não é assim? A minha fuga. A nadar de costas para atravessar a baía. Já sabem como foi. Já sabem que sou um fugitivo. Já sabem. Antes não sabiam. Agora sabem. Sabem demasiado. Alguém vai ter de os despachar. Talvez esta personagem que não me larga.

Deixem-me recomeçar. Posso recomeçar. Deixem-me recomeçar, se fazem favor. Como disse não tenho de lhes provar nada. Não estou a tentar ser um herói aos olhos de ninguém. Não tenho a certeza se foi em meados dos anos 70, de facto penso que não foi em meados dos anos 70, não tenho a certeza. Também não foi em meados dos anos 80. Acho que foi em meados dos anos 90. É uma diferença de vinte anos. Como é que é possível esquecer uma coisa durante um lapso de

vinte anos? Uma coisa assim. Uma vida inteira. Vinte anos é muito tempo. Há quem não chegue a viver vinte anos. Há quem viva muito menos. Há quem morra quando nasce. Pronto, deixem-me recomeçar. Houve uma altura em que tudo parecia um conto de fadas. Era uma vez — era uma vez um período no passado. Podia ter sido nos anos 90, em meados dos anos 90 estavam a acontecer muitas coisas. Podia ter sido muito antes disso, não sei. O que sei é que foi um íterim na minha vida. Este tempo frágil. Muitas coisas diferentes aconteceram e tantas dessas coisas diferentes pareceram ter importância. Agora não. Antes importavam, agora não. Napalm. Camboja. Nixon. Ofensiva do Tet. Watergate. Secretariat.² Muhammad Ali.

¹ À *Queima-Roupa*, filme realizado por John Boorman, com argumento de Donald E. Westlake. (*N. do T.*)

² Famoso cavalo de corrida. (*N. do T.*)

HÁ ALTURAS EM QUE NÃO POSSO deixar de pensar no passado. Sei que o presente é o lugar para se estar. Foi sempre o lugar para se estar. Sei que me foi recomendado por pessoas muito sensatas que permanecesse no presente o mais possível, mas o passado apresenta-se. O passado não vem como um todo. Vem sempre em partes.

De facto vem à parte. Apresenta-se como se fosse experimentado em fragmentos.

Porquê? Porquê, por exemplo, o passado é... Desculpem... porquê, por exemplo, se prefere o presente ao passado? Porque assumidamente o presente é aquilo que faz memórias. É o que faz o passado. Às vezes parece muito fugaz.

Qual é afinal a experiência do presente? A experiência do presente é uma coisa anónima. Uma coisa completamente anónima. A maneira como o sol bate no chão. A maneira como bate em pés descalços. A maneira como a merda de cão é espremida pelos dedos dos pés. A maneira como vinte e cinco cêntimos valiam tanto. A maneira como vinte e cinco cêntimos costumavam durar. A maneira como vinte e cinco cêntimos podiam comprar um Abba-Zaba¹. A maneira como o cloro cheira. A maneira como o cloro ataca as narinas. A maneira como os calções assentam. A maneira como água corre pela cabeça. A maneira como

os olhos se abrem debaixo de água e se veem coisas. O que se vê? Veem-se pessoas, outros seres humanos que lutam para manter os olhos abertos debaixo de água. O presente é uma coisa multifacetada. Muito parecida com o passado.

Mas o presente vem com uma experiência tangível, diz ele, balançando para trás e para a frente. Balançando. Balançando. Ele diz, parando. Não mas esperem um segundo só um segundo como é com os milagres. E como é com a cura. Num dado momento do passado — num momento qualquer do passado — tudo estava bem. Não havia desespero. Tudo funcionava. Portanto qual é a cura. Há alguma maneira de curar o presente? Podemos fazer uma coisa tão simples como tomar um banho quente de água mineral. Ou temos de recomeçar tudo. Tem de haver uma cura. Somos filhos do milagroso. Longa paragem. Parando. Uma longa paragem. Parando. Ninguém se agarra às suas palavras. Ninguém se agarra ao presente. De facto, ninguém se agarra a ninguém.

¹ Nugá. (*N. do T.*)

AGORA TENHO BINÓCULOS e por isso consigo perceber através da rede do alpendre que ele está sentado e não é numa cadeira de baloiço como tinha inicialmente pensado mas mais numa cadeira móvel de escritório. Do género que tem grandes rodas e apoios para os braços ajustáveis e desliza de um lado para o outro. Não sei o que fez à cadeira de baloiço. Às vezes desliza em círculos na cadeira como se flutuasse no ar. Não sei, não sou capaz de dizer, e tem uma mesinha oval com chá frio e muitas coisas em cima. Parece que se trata de um monte de papéis e um livro grosso. Sim, há um livro. Está aberto na página 399, tão bons são os meus binóculos. Ergue-se verticalmente para virar cada página. Não se limita a pôr saliva no dedo e virar a página, levanta-se sempre. É um livro antiquado. *Jane's Fighting Ships 1942*. Um livro grande e grosso com cerca de 900 páginas, mas ele está na página 399. Parece que é a única forma de exercício dele. Erguer-se para virar as páginas.

AUBRA, A TUA AVÓ, cujo nome verdadeiro era Aubra Teagle, é o nome que ela trouxe, o nome com que saiu do barco, o nome do primeiro marido, Steagle. É isso. Na verdade veio de um país estrangeiro, era de Inglaterra, acho eu, e nunca obteve uma autorização de residência ou outra coisa qualquer que era suposto legalizar uma pessoa, por isso era efetivamente uma imigrante ilegal. Tentavam perceber corretamente o nome dela, de modo que pudesse candidatar-se a algum tipo de seguro de saúde. Qual era o nome de solteira dela? O nome de solteira da mãe. Havia uma quantidade de questões. Havia muitas coisas erradas em relação a ela. Estava a desfazer-se. Por isso tiveram de ir aos paços do concelho da cidadezinha do Oeste chamada Deming. E os paços do concelho tinham aquelas enormes fotografias que estavam agora reimpressas numa espécie de tonalidade sépia. Não sei porquê, talvez para que parecessem mais velhas do que realmente eram. Mas havia imagens de Deming nos tempos dos pioneiros, na década de 1880 — sabem como é, filas de mulas, cavalos no meio da lama, carruagens, candeeiros, a animação de uma cidade da fronteira nesses tempos. Seja como for, Jay era muito persistente a este respeito. Queria que Aubra tivesse um seguro e desciam todos os dias até aos pequenos paços do concelho e ficavam à espera na bicha, para obter a

autorização de residência. Passaram por todas aquelas expressões de burocracia, telefonemas e telefonemas e mais telefonemas. Era uma linha telefônica com extensões e dizia se se queria esta ou aquela pessoa se devia carregar no 4, se se queria aquela outra pessoa se devia carregar no 2, se se queria ainda outra pessoa se devia carregar no 12, uma coisa assim. E nunca se chegava à fala com ninguém. Só com uma voz sem corpo. Eles tinham de ser muito cautelosos porque isto foi depois do 9/11 e o Governo suspeitava de tudo, as cidadezinhas suspeitavam, toda a gente suspeitava que se estava a passar qualquer coisa. Toda a gente estava paranoica. Sobretudo em relação aos imigrantes. De modo que se alguém descobrisse que ela não tinha documentos, que não tinha o direito de viver na América, terra da Senhora Liberdade, seria de imediato deportada, metida num barco e mandada regressar à velha e alegre Inglaterra, lugar que quando ela era criança estava a ser bombardeado pelos alemães.

PROVAVELMENTE NÃO SOU uma pessoa paranoica. Quer dizer, a palavra «paranoico» não seria a primeira coisa de que alguém se lembraria para me descrever. Mas ontem as minhas irmãs deixaram-me sozinho no alpendre durante cerca de cinco minutos e vislumbrei uma coisa a brilhar do outro lado da rua. Um reflexo prateado. Espantou-me como brilhava à luz da manhã. Olhei e vi um par de binóculos que pareciam olhos de mocho. Havia uma pessoa numa cadeira muito parecida comigo que estava a guardar os binóculos. Estava a guardá-los num estojo de cabedal. Mas pensei, por que coisa haveria de estar a observar-me? Não conheço ninguém nesta cidade. Nunca ninguém ouviu falar de mim. Pois aqui estou eu a ser observado por um desconhecido. Senti-me muito espantado. Como se fosse um animal selvagem ou coisa do género. Mas talvez seja um ornitólogo amador. Eu próprio observei aves de muito perto com binóculos. Talvez seja completamente inocente e eu esteja a ser paranoico. Há por aqui aves de todas as variedades. Gaios. Melros. Pardais. Pintassilgos. Mas nunca as considereei como aves exóticas. Talvez só estivesse a fazer isso. A observar aves ao longe. Do outro lado da rua.

AGORA HÁ ANDORINHAS em voo picado à volta de toda da casa. Acho que estão a caçar insetos. Há pelo menos três ou quatro. Talvez mesmo seis. Têm cor de ferrugem e azul. São muito rápidas. São como aviõezinhos a jato. Limitam-se a voar em círculo e a atacar em voo picado. Nem sequer se conseguem ver os insetos que perseguem. Podiam ser insetos imaginários, mas não são.

Mas há de facto muitos, o ar está cheio de insetos, só que não os conseguimos ver. O dia está quente e claro, com uma ligeira brisa. Há um tordo fortuito que desce e pousa e ento a sua cantiga. Uma cantiga que imitou. Uma cantiga que recolheu. São avezinhas estranhas. Costumava acordar com o som dos tordos. Costumava adormecer com o som dos tordos. Todos entoavam cantigas que tinham inventado. Nos candeeiros à noite. Uma avezinha caprichosa. A qualquer hora do dia. Têm uma espécie de melancolia. Para mim têm uma espécie de melancolia, mas não é triste, é apenas típica. Uma ave que é típica de um lugar, só isso. Um lugar no tempo.

ERA CREPÚSCULO. Naquele céu crepuscular, parecia que poderia muito bem explodir em tempestade. O género de tempestade que faria chover dias a fio, o género de tempestade que já tínhamos visto. Uma coisa para transbordar dos vertedouros, como o incidente da Barragem de Oroville. Pessoas a correrem histericamente por todo o lado sem saberem se as casas delas iriam ser levadas rio abaixo. Sem saberem se os cãezinhos delas iriam ser levados rio abaixo. Sem saberem se elas próprias iriam ser levadas rio abaixo. Era este o género de céu que tínhamos.

De qualquer modo, passei de um lado da estrada para o outro, onde, escondido atrás de uma cameleira, inteiramente tapado com um cobertor elétrico, com os pés enfiados em meias de esqui, embrulhado no tal cobertor, com os fios elétricos pendurados, estava o nosso homem da cadeira de rodas, a resmungar de si para si sobre o tempo. Via-o pelo meio das folhas dos arbustos. Alguém o tinha deixado lá para ir a um sítio qualquer. Estava atrás de um arbusto, isso era certo. E ainda havia claridade suficiente para perceber a cor. Vermelho forte. A buganvília estava praticamente despida de flores nesta altura. O inverno tinha assentado, embora houvesse uma sensação de primavera. Um par de ténis vermelhos estava pendurado nos fios telefónicos. Ainda a balouçar.

Espero não estar a causar nenhuma interrupção. Uma interrupção na tua linha de pensamento. Mas tenho de dar conta de um restolhar misterioso entre os arbustos nas minhas costas. Como disse, não sou uma pessoa paranoica, mas eram passos nítidos, alguém a arrastar os pés pelo meio das folhas. Limitei-me a ficar à espera. Só estava à espera. Fiquei sozinho. Não me importo se me quiser perguntar alguma coisa. Não me importo de responder se for capaz disso. É interessante ter alguém genuinamente interessado por mim. Interrogo-me sobre aquilo de que andarás à procura.

Seja como for, estava muito estoicamente sentado na cadeira. Era como se estivesse à espera de alguém ou de alguma coisa. A rebuscar nas memórias. Não sabe onde estás no tempo ou no espaço. Quando saiu de casa pela primeira vez lembra-se de ter ficado numa garagem, numa cidade chamada Alta Vista. Perto de Santa Anita. Nas colinas da Califórnia. Havia uma cama e ele olhava pela janela e via as montanhas ao longe.

Não muito depois, atrás da cameleira vermelha à média luz, aquela que parecia ser a filha emergiu da escuridão da casa. Pediu-lhe que se sentasse a seu lado. Ela arrastou uma cadeira de jardim metálica e limpou as gotas de chuva do assento. Sentou-se como se estivesse na escola a ouvir atentamente, inclinada para ele.

Ele disse que o quarto que tinha na cabeça era uma extensão da garagem. Era uma garagem diferente de todas as outras que tinha conhecido. Na cabeça dele tinha janelas a toda a volta a cerca de dois metros do chão. Janelas estreitas.

— Espera só um minuto, papá, que quarto? Estás a

falar de quê?

— Do quarto com janelas estreitas. Davam para uma antiga pista de corridas.

— Que pista de corridas? Onde era?

Havia carros estacionados na zona dos estábulos. Havia uma corrente à volta do relvado, que ficava no sopé da colina e intersetava a pista principal. Visto da colina, no início da vedação metálica, tudo estava muito calmo, muito calmo. Só quando os cavalos tinham percorrido cerca de mil e duzentos metros é que se ouvia a multidão e depois o bater de cascos e os relinchos, sons estridentes, sons de todo o tipo. A partir desse ponto os cavalos ficavam do tamanho de apará-lápis. Começavam em tamanho normal e depois ficavam muito pequenos. Soou um tiro. Um único tiro. De uma carabina ou de um rifle com mira telescópica. A multidão ficou imediatamente silenciosa. Viu-se imediatamente que a linha de cavalos se desviava do cavalo da dianteira que estava caído com o jóquei a retorcer-se. A espernear, com as sedas de jóquei rasgadas. A sela despojada de toda a cor. O freio partido a meio na boca do cavalo. Especialistas saltavam a vedação. Todos os tipos de apoio vindos da zona dos estábulos. Cavalariços. Tratadores. Rapazes e raparigas que exercitavam os cavalos corriam em todas as direções a gritar e a apontar. O resto do campo atravessou a linha. A multidão começou a gritar. Ouviase uma sirene ao longe. Soavam sinos, mas não era uma manifestação de júbilo. Sinos de emergência. Tudo estava em estado de emergência.

Ela inclinou-se mais.

— Quando foi isso, papá? Não me lembro de nada assim.

O homem que disparou a carabina, que disparou a arma com mira telescópica, que fez cair o cavalo na dianteira, foi descoberto de pernas cruzadas numa carrinha de carga. Disse que o tinham designado como assassino. Recebia ordens do monte Rushmore.

Estava a fugir da cena do crime. Saltou da carrinha, atirou a arma para uma moita de sálvia e desatou a fugir. Correu até chegar a uma estação de serviço da Gulf, onde pediu gelo. O dono deu-lho de bom grado. Sentou-se com dois sacos de gelo e começou a mastigar os cubos enquanto o dono chamava a Polícia. Perguntou ao dono se havia quartos. Devia haver quartos naquela cidade. O dono encolheu os ombros. Disse que talvez haja um. Há uma hipótese reduzida. O homem perguntou o preço do quarto. «Dez dólares», respondeu o dono.

«Fico com ele», retorquiu o homem. «Fico com ele.»

Depois disto saí desse estado. Parti e só agora regressei. E agora quero descobrir onde é que era o quarto. Agora parece importante. Antes não, agora sim. A cor das sedas do jóquei. A cor dos cavalos. Os corretores de apostas todos em fila. As previsões matinais. O café e o feijão-preto. Os padres à procura de abrigo. Os galgos a ladrarem às bonecas de trapos. O quarto-a-dez-dólares-diários.

O vento está a chicotear as nogueiras. Bolinhas verdes. Baloçam todas, tudo baloiça. Os pessegueiros baloçam, as murtas baloçam, as magnólias baloçam. O céu tornou-se cinzento-metálico. Todo o céu se tornou. Vamos ter uma tempestade.

— Se calhar devia ter-te contado tudo. Mas a verdade é que ainda não tinhas nascido.

— Está bem, papá. Podes contar-me tudo. Mas parece-me que chegou a altura de entrarmos. Vai chover.

— Importas-te de me levar à mercearia? — disse ele subitamente. — És capaz de me levar nesta cadeira de rodas? És capaz de me comprar umas coisas? Preciso de algumas coisas. Preciso de maionese e uma lata de sardinhas, uma banana. Preciso de panquecas de trigo. Talvez precise de café instantâneo. Podes levar-me e ver o que têm?

Sigo-os de perto na penumbra, começa a choviscar. O vento levanta a poeira. Ela hesita. Ele diz-lhe: — Continua.

Aonde é que vai? Aonde pensa que vai? Vai sair de vez desta cidade? Voltarei a vê-lo?

Ela empurra a cadeira a direito. Ela diz-lhe por cima da cabeça, com o vento a subir de intensidade, ambos voltados para a mesma direção.

— Papá? Papá? Porque precisas destas coisas agora? Porquê tantos suprimentos? Não vais caçar.

— Não, não vou caçar. Pelo menos não vou caçar comida. Continua.

— Aliás, não sei onde é que possa ser esse quarto, essa garagem. Não faço a menor ideia, sobretudo se está tudo na tua cabeça.

— Tudo na minha cabeça? — diz-lhe ele, enquanto vão avançando aos solavancos e a chuva começa a bombardear a estrada estreita. — Tudo está na minha cabeça.

PERCEBE-SE A NATUREZA progressiva das coisas. As coisas decaem. Percebe-se a diferença. Não se quer acreditar. Percebe-se, por exemplo, a respiração dele, a falta de ar. Percebe-se, por exemplo, o alcance dos braços dele, a falta de coordenação entre o cérebro e as mãos. Quem é desta vez? Por exemplo, a cabeça... Por exemplo, se é permitido ao pescoço descansar atrás e ficar alinhado com a coluna num nível razoavelmente plano e é permitido à cabeça descansar atrás contra a cadeira Adirondack, então é permitido ao ar que entra e sai pela passagem do pescoço que se mova. Quando assim acontece, o cérebro e a mente tendem a pensar de um modo um pouco mais livre.

O que acontece se a cabeça balança para a frente e faz o pescoço dobrar-se, criando uma espécie de obstrução em que não só a respiração mas também o pensamento são interrompidos? O pensamento e o cérebro não operam no mesmo nível em que o fazem quando a garganta está aberta.

Por exemplo, quando os olhos estão fechados e é permitido aos sons entrar, onde os sons são mais pronunciados. Por exemplo, a autoestrada distante. O som dos gaios, que me recorda sempre as montanhas Rochosas e a elevada altitude. Sons de melros de asas vermelhas, chapins. Sons de carriças, grilos, asas de borboletas. Mas o que acontece se se cortar isso por

completo? Não há som nenhum. Não há reflexão. Não há pensamento. O que acontece se acabar ali mesmo?

JAY PERCORRIA, COM AUBRA, a autoestrada de um lado para outro no Chevy Nova branco. Andava de clínica em clínica. Até ao Arizona e de volta. Procurava um médico que a pusesse melhor. Estava a tentar curá-la. Não havia nada que corresse bem a Aubra. O luxuriante cabelo ruivo estava a cair. Os olhos verdes estavam a cegar. Tinha uma cadeira de rodas de alumínio. Estava cada vez mais fraca. Jay trabalhava todo o dia na loja e ela estava cada vez mais fraca. Fazia transfusões. Houve uma hemorragia cerebral. Tinha as veias inchadas. Usava botijas de oxigénio. Havia ligaduras. Havia tubos. Havia respiração. Respiração pesada.

Jay estava a sofrer. A guiar de um lado para o outro à procura de uma cura para aquilo que efetivamente afligia Aubra. Estava desesperado. Tentou tudo, diálise, tentou tudo. E ela não melhorava. Perdia muito sangue. Muito peso.

Estavam num consultório e ela estava quase a ficar inconsciente. E a regressar. A ir-se. A regressar. A ir-se. A regressar. E disse ao médico, «O que é que ela tem?». E o médico virou-se para ele e disse apenas, «Está a morrer».

Jay estava no restaurante mexicano a arrumar frascos de molho de tomate e molho picante, alinhando-os atrás da maionese. A música ambiente

estava ligada. Alguém lhe perguntou de quem gostava mais, dos Green Bay Packers ou dos Pittsburgh Steelers¹. O telefone tocou, alguém lhe disse que a mulher estava aflita. Tirou o avental e correu para o parque de estacionamento. Quando chegou a casa já lá estava a Polícia. Os vizinhos estavam reunidos no pátio. Correu para casa. Os polícias queriam saber como se chamava. Queriam saber como Aubra se chamava. Ela estava morta mas eles queriam saber o nome dela. Queriam saber que tipo de comprimidos estava a tomar. Queriam saber o nome dos comprimidos. Há quanto tempo andava a tomá-los. Pelo canto do olho conseguia vê-la morta na cama. Perguntaram-lhe se queria ficar sozinho com ela. Disse que não. Era demasiado tarde. Saiu do quarto, passando pelos vizinhos que lhe apresentavam condolências. Uma carrinha branca parou e dois homens enormes entraram na casa. Levaram o cadáver de Aubra para a carrinha, metido num saco preto. Foram-se embora na carrinha. A Polícia foi-se embora. Os vizinhos regressaram a casa. Um gato atravessou o pátio a correr.

¹ Equipas de futebol americano. (N. do T.)

GANGUES *CHICANOS* VESTIDOS com macacões verdes-limão. Condutores em Mercurys roxos. Padres vestidos de preto. Coros a cantar orações católicas. Os sinos da igreja tocam o meio-dia enquanto Jay caminha de regresso ao trabalho no restaurante. Perguntam-lhe de quem gosta mais, Green Bay ou Pittsburgh Steelers. Perguntam-lhe como está. De onde é. Do Leste, responde. Do Leste.

Jay regressa a casa. Caminha ligeiramente inclinado para a frente. Trouxe do restaurante um grande saco de comida de gato que carrega às costas. Há gatos vadios por toda a vizinhança, alguns são crias. Despeja a comida de gato no passeio à frente da casa. Reentra em casa, amarrotando o saco vazio. Fecha a porta e arrasta uma cadeira para perto da janela. Olha para a rua e vê que os gatos estão a chegar vindos de todas as direções. Começam a comer mas mantêm sempre um olho alerta. Do outro lado da rua, Jay vê dois cães cinzentos que avançam diretamente para os gatos. Os gatos continuam a comer. Os cães continuam a avançar. Jay levanta-se dentro de casa. Os gatos saltam. Os cães atacam. Fica tudo espalhado.

Iron Street. O céu um brilhante pôr do sol dourado. Dourado verdadeiro. Para lá do que os espanhóis imaginaram. Céus realmente dourados.

AGORA NO ZOCALO DA CIDADEZINHA perdida do Norte da Califórnia, onde os trabalhadores migrantes estão à espera nas esquinas, escondendo-se de soldados de fardas escuras. Soldados à espreita entre os arbustos. Garantindo que o nome do presidente não seja dito em vão. Garantindo que não haja planos sussurrados para derrubar os interesses imobiliários. Para derrubar os bancos. Ouvindo atentamente os verbos espanhóis que são falados pelos imigrantes à esquina. Esquecendo-se de conjugar. Quem dera que tivessem acabado a escola primária.

O que é exatamente uma carta verde? Autoriza o titular a trabalhar? Garante ao titular a cidadania? Autoriza o titular a viajar livremente. A posse de uma carta verde significa que não se tem de trepar um muro? Que não se tem de cavar um túnel? Que não se tem de estar preocupado com o sítio onde nasceu a mãe? Onde nasceu o pai? Percebemos os homens que falam numa língua estrangeira à esquina? Tentamos perceber de onde podem ter vindo? Talvez tenham sido trazidos pelo vento.

Há camiões carregados de homens mascarados que procuram todos os tipos de imigrantes. Que procuram inimigos do povo nas traseiras dos cafés. Nas traseiras das sapatarias. Nas traseiras das adegas. Telefonam aos patrões. Dizem aos patrões que no pequeno *zocalo* desta

cidadezinha tudo está calmo e em paz.

NÃO SEI COMO SUPORTA A MONOTONIA, para dizer a verdade. Escondido nos arbustos dia após dia após dia após dia após dia a mesma coisa repetidamente. Embora internamente alguma coisa deva mudar, exteriormente mantém-se razoavelmente constante. Talvez nos pudéssemos tornar amigos. Talvez se ficar aqui sentado tempo suficiente ele apareça nas minhas costas. Não preciso de ver a cara dele. Aliás, já estou vazio. Do género de uma concha. Como um ovo de chocolate de leite que é vazio por dentro. Talvez possamos iniciar uma conversa. Ele também deve estar à espera. Estamos ambos à espera. Talvez tenha alguma coisa a dizer que clarifique as coisas para ambos. Por exemplo, foi contratado por alguma grande empresa? Foi contratado pelo Governo? Ou é apenas abelhudo? Porque se importa com a minha monotonia? Aliás, não é a minha monotonia. É também dele. É de ambos. É de toda a gente. Quer dizer, estão cerca de 32 graus. Há borboletas brancas em flores roxas. Há insetos que zumbem por cima da relva aparada. Há flores que emergem nas magnólias. Há calêndulas, há tomates. Muitos tomates. Mas o que é? Por que razão não diz nada? Mesmo que seja acerca do tempo. Porque não fala comigo? Sou uma pessoa simpática. O mesmo o mesmo o mesmo repetidamente.

O que é isso que faz alguém deixar-se afundar, que

faz alguém sentir que não vai vencer, que nunca vai superar alguma coisa? Não sei o que é. Monotonia. A mesma coisa. Deve ser a mesma coisa para ele. Não sei por que razão me assombra dia após dia. Observa atentamente os insetos que passam por cima do relvado aparado, a relva cortada, pousando ao de leve de vez em quando numa cadeira de jardim. O que é? O que é que o pode fascinar nisso? Em mim? Talvez não esteja fascinado. Talvez esteja o contrário de fascinado. O que será o contrário de fascinado? Ficar enredado em pensamento, em reflexão. Enredado. Lá está ele a olhar para a mesma coisa dia após dia, mês após mês. Borboletas que pousam em plantas roxas.

ÀS VEZES FAZ ESTA COISA de sacudir a cabeça violentamente de um lado para o outro como se um mosquito qualquer o estivesse a incomodar como se quisesse entrar-lhe no nariz mas não é mosquito nenhum é cabelo na cara ou cabelo imaginário na cara ou ele a tentar impedir que cabelo imaginário lhe vá para a cara. Abana a cabeça e uma das irmãs levanta-se e penteia-lhe o cabelo com uma escova, uma escova que tem minúsculos dentes de plástico. Também usa laca, laca de senhora, para segurar o cabelo. O cabelo imaginário. Tapa sempre o nariz ou tenta tapar o nariz porque é óbvio que a laca é perfumada e está a tentar não a cheirar. Também tem outro gesto que é muito curioso quando balança para trás e para a frente. Balança e cola as mãos uma à outra como se estivesse a rezar e junta os braços do cotovelo ao pulso. Encosta ambos os cotovelos ao estômago depois levanta as mãos até à cara usando o joelho esquerdo naquela maneira agitada em que a perna está efetivamente a empurrar os braços para a cara e então limita-se a coçar o lábio superior ou a narina esquerda ou coisa desse género porque evidentemente as narinas estão a tentar dizer-lhe qualquer coisa. Estão a tentar dizer-lhe que as coisas mudaram.

Ambas as sobrancelhas! Ambas as sobrancelhas.

Ambas. Não, não, só a esquerda. A esquerda. Sim! É isso. Oh bom, é isso. Graças a Deus é isso. Obrigado. Obrigado por isso. As coisas voltaram a mudar. As coisas mudaram. Agora tem de pedir a outras pessoas. Agora não passa sem outras pessoas. As coisas mudaram mesmo.

Pode imaginar-se, por exemplo, uma coisa qualquer a trepar pelo ouvido? É fácil imaginar uma coisa assim. A trepar pelo ouvido. E em breve fica-se com comichão. É fácil imaginar uma coisa assim. A trepar pelo cabelo. Está alguma coisa a trepar pelo cabelo? Está alguma coisa a trepar pelo meu cabelo? É uma formiga, por exemplo. É um verme? É uma mosca? Um inseto qualquer, alado? Mosquito? Um inseto com pernas. Um inseto com muitos tentáculos que procura no meio do meu cabelo alguma coisa imaginária? Imagina-se, e depois imagina-se a comichão e em breve tem-se uma. Tem-se uma comichão. E em breve se pede ajuda.

O CONDUTOR ABRE A PORTA da limusina. Pés calçados com sandálias emergem sob a túnica azul flutuante. Ele aproxima-se da clínica com o andarilho de alumínio. Ansiava por este momento desde que lhe fizeram o diagnóstico. Atravessa as areias dos jardins esculpidos. Uma cascavel do deserto aparece não se sabe de onde e morde-lhe o tornozelo. Cai. Chafurda na areia como um burro ferido. O condutor não sabe o que há de fazer. Enfermeiras saem a correr da clínica. Toda a gente está espantada. Socorro! diz ele, e à medida que vai perdendo os sentidos vislumbra a imagem dos dois irmãos com raquetes de neve que iniciaram a clínica mais famosa do mundo.

AGORA TENHO TODOS os tipos de sensações. Sensações que nunca tive antes. Por exemplo, quero ver se há um agente imobiliário que queira colaborar comigo. Que colabore comigo obtendo a casa contígua a esta. Quer a casa esteja para venda ou não. Tenho de ficar com essa casa a fim de mudar para lá. Tenho de contactar a minha contabilista. Tenho de contactar o meu corretor. Preciso de garantir todos os meus proveitos. Tenho de ficar com aquela casa. Tenho de ser capaz de ver pelas janelas. Tenho de ver se se deita ou não à noite. Se se levanta ou não de manhã. Se diz ou não as suas preces. Se invoca ou não o nome do Senhor. Se acredita ou não numa vida pós-morte. Se reza ou não às refeições. Se ajuda ou não com os pratos. Preciso de dispor de vigilância durante as vinte e quatro horas do dia. Há algum intervalo, ou passa logo para os jornais? Lê os cabeçalhos? Tem alguém que lhe leia os cabeçalhos? Tenho de descobrir de onde vem. Para onde vai. E o que espera realizar. Tenho de descobrir o que está escondido atrás do sinal azul. O sinal azul de deficiente no carro branco dele. Mandou-o fazer? Mandou-o falsificar? Tem efetivamente algum problema? Está a fingir? Se está a fingir devo confrontá-lo por causa disso? Devo dirigir-me para o alpendre e bater à porta? Devo apresentar-lhe as minhas credenciais? Ir diretamente ao assunto? Ou devo deixar andar as coisas

como têm andado até agora?

HÁ UM ANO CONSEGUIA ouvir cair as nozes. Conseguia ouvir partir as nozes. Conseguia coçar a barriga do catahoula¹ que tinha muitos cachorrinhos. Que o filho, o rapaz magricela, insistia em que ficasse com eles.

Exatamente há um ano conseguia guiar através da grande divisão entre o Norte e o Sul. Conseguia guiar ao longo da costa. A costa irregular. Conseguia bocejar no deserto.

Mais ou menos exatamente há um ano conseguia caminhar com a cabeça levantada. Conseguia ver através do ar. Conseguia limpar o rabo.

¹ Raça canina de origem norte-americana. (N. do T.)

LUA CHEIA. EAST WATER STREET, a mesma cidadezinha remota de noite, bom, não era tarde quando partimos, era relativamente cedo e a Lua ainda não se tinha levantado. Diria que eram seis e meia ou sete. Estava numa cadeira de rodas com uma felpuda pele de ovelha a cobrir o assento e um cobertor navajo nos joelhos, e os meus dois filhos, dois dos meus filhos, Jesse e Walker, empurravam-me, um de cada lado, pelo meio de East Water Street. Nunca me esquecerei da força que senti nos meus filhos atrás de mim. Seguiam-nos a minha filha Hannah, os dois amigos dela, as minhas duas irmãs e a minha nora, éramos nove ao todo e virámos à direita numa igreja de três pisos que era toda de ripas e havia um enorme pinheiro à frente e já começava a escurecer.

Crepúsculo, crepúsculo escuro. A Lua estava a surgir lentamente. E chegámos a uma tasca mexicana chamada El Farolito e eles empurraram corajosamente a cadeira de rodas da rua calma, através de portas de vaivém, para as reverberações de uma sala enorme. Uma cacofonia crescente de vozes, conversas sobre conversas risos estridentes copos que se estilçavam talheres que tilintavam pessoas que berravam para serem ouvidas.

Manobrámos pelo meio da multidão até chegarmos ao balcão nas traseiras do restaurante. Aço polido, aço

muito polido. Um mural de filas e filas de catos agaves azuis. Cultivados para fazer tequila e mescal. Pinceladas e lá estava toda aquela tequila alinhada em compridas prateleiras prateadas aparafusadas à parede. Hornitos, Cabo Wabo, Sauza, Patrón, Cuervo, Herradura. Todos os tipos de tequilas. Pediram margaritas. A minha filha Hannah, os amigos Molly e Chad e a mulher de Jesse, Maura, as minhas irmãs Roxanne e Sandy, uma data de pessoas à mesa e a minha cadeira de rodas ocupava quase dois lugares. Era tão larga como isso e pedi uma *enchilada* de carne de vaca e uma Cabo Wabo. A ementa tinha o logótipo de um farol. Solitariamente iluminado. Não me consigo lembrar ao certo de que falámos. Provavelmente de Trump, do país num impasse com o México, dos cães, do catahoula, talvez de pesca, do habitual. A questão é que se tratava de muita conversa, de uma data de pessoas que falavam ao mesmo tempo, de toda a mesa em animada conversa. Agora éramos parte deles. O bar era como uma banda de marimba sem a música. Muito barulho e muito mais tequila. Toda a nossa trupe, a nossa bandazinha, chegou à rua. A coisa de que me lembro melhor é de me sentir mais ou menos desamparado e da força dos meus filhos. Um homem numa cadeira de rodas empurrado pelos filhos de um restaurante à cunha para uma rua vazia. Um homem sentado numa pele felpuda com um cobertor navajo sobre os joelhos.

A Lua está a ficar cada vez maior. A Lua dos Morangos¹. Iluminando a nossa pequena trupe. A Lua cheia. Dois filhos e o pai, com toda a gente atrás. Seguindo pelo meio de East Water Street, e agora a noite está mesmo clara. A Lua cheia. Conseguimos e

coxeámos pelas escadas acima. Ou melhor, eu coxeei.
Os meus filhos não coxearam, eu coxeei.

¹ Lua cheia do mês de junho (*Strawberry Moon*). (*N. do T.*)

SAM SHEPARD COMEÇOU A TRABALHAR em *Espião na Primeira Pessoa* no ano 2016. Os primeiros rascunhos foram manuscritos, uma vez que já não era capaz de dactilografar devido às complicações causadas pela ELA¹. Quando se lhe tornou impossível escrever à mão, passou a gravar segmentos do livro, que posteriormente eram transcritos pela família. Ditou as restantes páginas quando gravar se tornou uma grande dificuldade. Patti Smith, amiga de longa data de Sam, apoiou-o na edição do manuscrito. Ele fez a revisão do livro com a família e ditou a versão final alguns dias antes de morrer, a 27 de julho de 2017.

¹ Esclerose lateral amiotrófica. (N. do T.)

Agradecimentos



HANNAH, WALKER E JESSE gostariam de agradecer às irmãs de Sam, Roxanne e Sandy, todo o carinho e cuidado que mostraram pelo nosso pai e a ajuda inestimável que deram para que este livro fosse publicado.